

Armadilhas da percepção: antes não me vias, agora não me percebes...

Henrique Garcia Sobreira

Eliane Carvalho de Oliveira

Lidiane Silva de Santana

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de educação da Baixada Fluminense

O presente trabalho visa relatar como o processo de auto-reflexão pode se constituir como possibilidade de levar os professores em formação a abordar as complexas questões que envolvem a questão racial no interior da escola e da educação.

O processo de auto-reflexão, como forma e conteúdo da educação do educador, vem sendo desenvolvido desde 1996. Consiste em reorganizar a formação a partir da auto-elaboração das mais primitivas experiências de escolarização daqueles que se dirigem para as instituições formais que autorizam a função e a profissão de ensinantes. Na auto-reflexão, as lembranças imediatas são fontes para o acesso àquelas que foram “esquecidas” e que, dentro do contexto teórico da pesquisa (a teoria crítica da Escola de Frankfurt, com investimento maior no seu viés psicanalítico), parecem ser as mais operantes na construção das decisões sobre “o que vale a pena aprender” na formação inicial e sobre “como é que vale a pena ensinar” no exercício da função docente.

Neste sentido, a formação via auto-reflexão tem por objetivo um processo de educação e de auto-educação que responda ao eventual e silencioso obséquio com que os licenciandos e os professores reagem ao se depararem com referenciais críticos às suas práticas e teorias sobre a educação: “na minha escola, por tais e quais motivos, será impossível implantar essa proposta”. As experiências pretéritas de escolarização são consideradas, portanto, como origem de possíveis filtros que informam, bem mais tarde ao professor em formação ou em exercício, o que “dá, ou não, certo” como estratégia de ensino.

Até 2005 o investimento principal dos pesquisadores desse grupo foi realizá-la a partir de obras literárias classificadas como “literatura de formação” (Sobreira, 1998, 1999 e 2003; Sobreira et alli, 2001, 2002, 2004 e 2005). Porém, desde a implantação do sistema de cotas e das diversas leis e políticas que visam promover a “igualdade racial” (entre elas a lei 10639/2003) um tema clássico dos estudos frankfurteanos voltou a fazer parte do centro de nossos interesses: o preconceito. Em especial o capítulo sobre o anti-semitismo na Dialética do Esclarecimento (Adorno e Horkheimer, 1985) e os estudos sobre o preconceito apresentados sob o título *The Authoritarian personality* (Adorno et alli, 1982).

Foi dessa forma que resolvemos oferecer aos licenciandos da Faculdade, como atividade complementar da disciplina Literatura e Educação do Educador II¹, duas baterias de livros didáticos utilizados nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

¹ Nessa disciplina, e na que a antecede, experimentamos com os estudantes, processos de auto-reflexão a partir de obras literárias.

Essa escolha partiu da constatação de alterações na presença do negro operada por determinações legais e políticas a partir de meados da década de 1990. Se há uma evidente diferença nos dois grupos de livros em relação à iconografia do negro, nossa questão era investigar se essa diferença era percebida ou se havia uma “formação para a indiferença” a ser criticada educação do professor.

Evidentemente, as diversas formas de preconceito, notadamente o racismo, não são produzidas no interior do processo de educação formal. Porém, o fato de sua origem estar “em outro lugar” não pode servir para isentar a escola, seus sistemas e seus profissionais de investigar práticas que podem o estar reforçando, no mínimo por desconhecer sua presença e seus efeitos cotidianos. Adorno é o primeiro a reconhecer que seu debate a respeito da possibilidade de uma educação emancipatória encontra como limite o fato da Educação Escolar ser mais determinada, do que determinante, pela organização social mais geral. Mas em momento algum declina de sua proposta da Escola servir como “trincheira avançada” no combate às pulsões sociais que viabilizam o regresso e a barbárie, que jazem vivida e agressivamente sob a camada mais perceptível de progresso econômico, cultural e técnico-científico.

A humanidade tem pagado muito carinhosamente pela sua ingênua fé no efeito automático da mera passagem do tempo; feitiços nunca realmente desencantaram tempestades, desastres, pestes, doenças e outros males; muito menos aqueles que atormentam algum outro cessa a tortura apesar do enfado com sua vítima. (Adorno et alli, vii, 1982, tradução livre²)

Se o negro “não é mais aquele” que estava nos livros didáticos de nossas infâncias, tão importante quanto perceber e debater “quem é esse novo negro” nos primeiros livros das crianças é investigar a permanência da sutil afirmação de subalternidade nos “corações e mentes” dos professores e professoras que estamos formando.

É dessa questão que nos aproximamos, de forma ainda inicial e incipiente, neste trabalho.

O desenvolvimento da pesquisa

a) Questões teóricas preliminares

Dentro de sua perspectiva mais geral, a pesquisa já tinha apontado como questões que deveriam ser objeto de auto-reflexão, entre outras, o papel da família na educação, a questão de gênero na docência (pela via de uma ainda incipiente “remasculinização” da profissão), as genéricas definições sobre o “amor ético” à profissão, o desejo de perenização de imagem como critério de qualidade do trabalho do professor.

A possibilidade de inserir a questão racial como uma das “experiências pretéritas” na escola surgiu com o objetivo de sair do senso comum que a trabalha apenas a partir

² *Mankind has paid too dearly for its naive faith in the automatic effect of the mere passage of time; incantations have really never dispelled storms, disaster, pestilence, disease or other evils; nor does he who torments another cease tortures out of sheer boredom with the victim.*

de preceitos morais genéricos (a igualdade entre “todos nós”, seres humanos, a incipiente ordem de respeitar as diferenças, o politicamente correto como princípio ideológico etc). Não resta dúvida que a presença (supostamente pretérita) do negro no livro didático pode ser associada a uma determinada “educação para o racismo”. Se, do ponto de vista formal, “alguma coisa melhorou nos livros didáticos”, nos interessava descobrir, quase doze anos depois da mudança imposta pelas diretrizes para a escolha do livro, o quanto que essa “educação para o racismo” manteve suas raízes como carga inconsciente nos professores e professorandos.

Inserir a discussão sobre o racismo e uma reflexão a respeito das questões raciais entre os futuros pedagogos passava por saber, inicialmente, como o pedagogo compreende o racismo em si e na sociedade, buscando a auto-sensibilização para o diálogo e para compreensão das possíveis formas de superação das sutis confirmações do racismo no tecido geral da Educação Escolar.

Do ponto de vista mais amplo, a educação para o racismo é pautada por uma análise da vida do negro a partir de uma história positivista ensinada na escola que sempre negligenciou, desde a escravidão, a luta dos negros por sua liberdade e dignidade, excluindo a atuação do negro na construção da nossa nação. O negro é sub-representado, omitindo-se suas posições elevadas economicamente, ainda na época da escravidão; sua presença em revoltas populares, prova de sua resistência (quilombos - Zumbi não é herói isolado -, independência baiana etc) e nas artes, pois o negro não foi apenas o seu objeto, foi também autor. Registra-se, mais recentemente, nos esportes, na música, nas artes cênicas, no pensamento, nas próprias ciências, “duras” e humanas. Esse destaque em tantas áreas, via de regra, é omitido ou subvalorizado (“Negros são bons para fazer música e filhos”, por exemplo). Essas afirmações tendenciosas acabam introduzindo como “conteúdo informal” da educação as limitações de sua capacidade, levando inclusive a interiorizar essa “inferioridade” (“Eu não dou para essas coisas de estudo mesmo”).

É possível perceber que, para além de uma acomodação passiva, a instituição responsável pela socialização do conhecimento parece estar impregnada de preconceitos. Não é absurdo sugerir que, ao longo do tempo, há uma desmotivação ao aluno negro, com graves impactos na disposição da maioria deles em participar de forma plena no processo de escolarização ampliada característico das sociedades contemporâneas. Essas pressões sutis, mesmo que exercitadas sem plena consciência de tal pela escola e por seus professores (boa parte deles negros, em especial nas Séries Iniciais) é importante fator no descrédito que vale a pena perseverar em continuar na escola.

Porém, é necessário refletir que não está em jogo apenas uma vertente, entre várias outras, conduzindo o negro a não se sentir merecedor do conhecimento escolar. Boa parte dos professores rejeita a afirmação que em seus atos conscientes há os que podem ser incluídos como formas ativas de contribuir com o racismo. O próprio racismo em si é negado como categoria explicativa para uma série de situações econômicas, políticas, culturais e sociais que afetam a população negra no Brasil.

Horkheimer e Flowerman nos alertam em sua introdução à coleção sobre “Estudos sobre o Preconceito” (financiada pelo American Jewish Committee, da qual o segundo volume é o de Adorno et alli, 1982, viii) a respeito da necessidade de elucidar *aqueles elementos na personalidade do homem moderno que o predispõe à reações de hostilidade à grupos raciais ou religiosos*³. A erradicação do preconceito passaria pela reeducação cientificamente planejada e deveria levar em conta que a educação é, por natureza, pessoal e psicológica. Assim expor ao conjunto da sociedade as trilhas psicológicas do arsenal do agitador autoritário (o racista, por exemplo) pode ajudá-la a se imunizar dessas “palavras sutis”. As formas tradicionais como o negro era apresentado nos livros didáticos antes de 1995 eram mais efeitos desses, sempre refutados, elementos racistas na “personalidade dos brasileiros” do que sua causa. Um primeiro passo na “erradicação científica” desses elementos foi dado. Resta saber o quanto esse processo é suficiente para superar as marcas pessoais e psicológicas produzidas pelo arsenal de um “agitador racista” que possui uma invisibilidade enorme no Brasil, se comparado com outros contextos nacionais em que essa questão é tão grave quanto entre nós.

Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento* (1985) apresentam suas reflexões sobre os elementos que levam um indivíduo a se tornar racista⁴: a ordem dominante, a projeção patológica, a idiosincrasia, o fator religioso, o fator econômico, a ideologia e o ticket. Adorno aponta a Indústria Cultural, ordem dominante e a ideologia como os principais manipuladores do pensamento do sujeito na contemporaneidade.

“... As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do super ego e as massas despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente seguindo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos da censura interna”.

Adorno abre desta forma uma possibilidade de compreendermos como que na ausência de racismo declarado emergem no Brasil as concepções racistas veladas. A censura interna não nos permite o racismo e assim nos deixamos modelar por uma aparência de personalidade embutida na ideologia da democracia racial (formalizada por parte da intelectualidade nacional na década de 1930). O narcisismo benevolente do Eu⁵ (ego), origem e destino de todo o “politicamente correto”, se representa com “um pé na cozinha” ao mesmo tempo em que o Supereu socialmente disseminado cria os mais diversos dispositivos de “entrada de serviço”, forma sutil dos dominantes informarem o lugar de cada um no real tecido da sociedade. Essa operação no plano intelectual e “no plano” de alguns intelectuais brasileiros operou em benefício da invisibilidade eficaz do racismo em nosso país.

³ ... *with those elements in the personality of the moderns man that predispose him to reactions of hostility to racial and religious groups.*

⁴ - Embora com aparente aplicabilidade específica, o capítulo sobre os Elementos do Anti-semitismo introduz uma série de reflexões que podem ser aplicáveis a qualquer forma de discriminação, principalmente o racismo.

⁵ Recentemente crescem no campo da psicanálise a substituição das traduções clássicas das categorias freudianas, antes, Ego, Superego e Id, para Eu, Supereu e Isso.

Há fortes evidências de um determinado tipo de “indústria cultural” que se apropriou da produção autônoma desses brasileiros para reforçar o mito da democracia racial. Assim, as pessoas desaprenderam a pensar a respeito das origens das gritantes desigualdades raciais e são manipuladas conforme a ordem dominante deseja de forma semelhante às afirmações de Adorno sobre a disseminação do anti-semitismo no entreguerras alemão. Mas ele nos lembra que ninguém nasce racista muito menos é totalmente racista. Os mesmos elementos que viabilizam o indivíduo se tornar racista (a falsa projeção, a ideologia, a idiosincrasia, o fator econômico, o fator religioso, a ordem dominante e a indústria cultural) podem ser o lugar de combate contra esse tipo de mentalidade, pela via da auto-elaboração e do retorno crítico ao próprio passado e à cultura autoritária que deles se utiliza. Transformar as discrepâncias entre o que os sujeitos “pensam em sua superfície” como forma de acesso ao conjunto de conteúdos que fazem parte do que eles “realmente pensam”, mas que podem ser segredo até para si mesmos, é um dos caminhos para a re-educação emancipatória de todos.

Aqui entram em cena as postulações da psicanálise que informam a respeito do inconsciente do educador ser mais determinante para o desenvolvimento da identidade da criança do que sua ação programada (Milot, 1987). Para Freud o conceito de identidade é um processo de construção individual e o olhar do sujeito sobre si mesmo torna-o consciente de que possui um eu único podendo dar origem a consciência de uma emancipação interna. O indivíduo constrói a sua identidade através de vários grupos de que faz parte, como a família, os amigos, ou a escola, desempenhando papéis diversificados e tornando-os assim consciente de sua singularidade. A escola é um dos locais onde a identidade do indivíduo é construída e o contato com as crianças nos possibilita perceber a representação que possuem deste espaço.

A literatura que trata do lugar do negro na escola é vasta. Dentro dela há o campo que sugere a educação como possibilidade de mudar os efeitos do preconceito racial instalado em nossa sociedade. Mas a pergunta que permanece diz respeito às possibilidades concretas de uma educação que opere esta mudança.

A pesquisa

Adotando o princípio da *auto-reflexão* como um instrumento didático para a compreensão e superação do racismo nossa pesquisa questiona as formas escolares que poderiam estar contribuindo para a construção de um olhar enviesado a respeito da questão racial na escola. Para isso, foi necessário estabelecer se existiam processos pretéritos na escolarização de professorandos que inibissem que esse debate fizesse parte de suas percepções. Ao invés de perguntas diretas (Como os educadores entendem o racismo e refletem sobre ele? Até que ponto isso pode afetar no seu fazer pedagógico? etc) desenvolvemos a pesquisa em três momentos:

- apresentação de duas baterias livros didáticos das séries iniciais na educação nacional. Da primeira faziam parte livros de uso corrente no período em que esses estudantes eram crianças em escolarização inicial (1989-1993). Na segunda

estavam “livros atuais”, aqueles que esses estudantes já utilizavam em suas turmas (no caso daqueles que já possuíam título de Normal Médio) ou que eram percebidos em suas atividades de Prática de Ensino ou Estágio Supervisionado (para os que estavam “se formando” professores “apenas” no Nível Superior). Os participantes foram convidados a fazer uma análise crítico-pedagógica dos livros apontando os pontos positivos e negativos. Estes apontamentos sobre os livros são posteriormente analisados pelos pesquisadores que, desde sempre estavam interessados na percepção desse grupo a respeito da mudança na iconografia do negro nesses livros. Nossa suposição era que se as experiências pretéritas de escolarização podem ser origens de filtros o caso da permanência de representações sobre os afro-descendentes⁶ existentes nos livros didáticos das séries iniciais seria uma informação extremamente interessante. Os atuais, e futuros, professores das séries iniciais cursaram seus primeiros anos de escolaridade com livros didáticos em que essa presença era praticamente inexistente, ou se dava de forma degradada, ou se fazia apenas por motivos folclóricos;

- debate aberto com os estudantes sobre a análise dos livros. Neste momento introduzimos o nosso interesse na percepção do corte racial e perguntamos se algum deles mencionou o negro e se ele deveria ser contemplado ou não no livro didático. Aqui começa a etapa de auto-reflexão;

- retorno, um semestre depois, com alguns dos participantes dos momentos anteriores e novos inscritos na disciplina, das atividades a partir da pergunta: o racismo é pedagógico? Realizamos uma série de entrevistas coletivas utilizando o clipe de Gabriel o Pensador “Racismo é Burrice”. O debate foi gravado e analisado para percebermos o quanto a auto-reflexão funcionava na elaboração dessa fixação das imagens do negro presentes nos livros didáticos antigos.

Análise do processo e de seus resultados

No primeiro momento (análise dos livros) foi possível traçar um diagnóstico preliminar do discurso dos alunos do curso de pedagogia no que diz respeito ao lugar do negro na sociedade. Para fornecer uma maior compreensão do conteúdo dos livros, um quadro comparativo foi elaborado mostrando como o negro e o branco estão situados nesses *livros didáticos*.

Dos trinta e sete estudantes que fizeram suas análises apenas vinte e cinco entregaram a redação, depois que foram informados sobre nosso interesse na sua percepção do “lugar do negro” nas duas baterias de livros. Essa forma de trabalhar é capital no processo de auto-reflexão: deixar a decisão de compartilhar as suas representações nas mãos do próprio participante. Foi assim que verificamos que, a despeito dessas diferenças marcantes, a maior parte dos participantes que optou por compartilhar suas análises, não percebeu o negro nos livros didáticos, seja nos livros antigos, seja nos novos. Eles apresentaram poucas menções a questão racial.

⁶ A maior parte dos trabalhos nesse campo se concentra na necessária denúncia e justa reivindicação de que tal situação seja modificada. E pequenos avanços já podem ser notados

Na maioria das vezes as análises estiveram restritas ao conteúdo e as gravuras, ou seja, se o desenho tinha boa qualidade, se o conteúdo era fácil ou difícil, etc.

Livros antigos		Livros novos	
Negro	Branco	Negro	Branco
Criança mergulhando num esgoto aberto	Criança comendo uma linda maçã	A aparição do negro e do branco na capa do livro	Ainda é maioria nas capas dos livros
Um trabalhador rural descalço com enxada nas mãos	Mulher bem vestida regando seu jardim	Prioriza a cultura brasileira nos seus diferentes aspectos	Em alguns ainda há a presença majoritária da cultura européia
Uma criança descalça e vestida com trapos bebendo água da bica	Uma mão branca segurando uma garrafa de água mineral	Fala da resistência do negro e do índio no processo de escravidão	Começa aparecer em profissões e estratos sociais "inferiores".
O capítulo "Lixo e Saneamento Básico" mostra um lixo ao céu aberto e, em seguida, homens negros recolhendo esse lixo.	Crianças brincando, comendo e estudando ao ar livre sempre bem vestidas e limpas.	As histórias de gente comuns sejam negros, brancos ou amarelos para ilustrar como se deu a formação da nossa nação.	Pessoas brancas ainda sobre-representadas no interior do livro
Escravos sendo açoitados	A figura de um médico	Família negra começa aparecer	Incentivo a pluralidade cultural
Escravos ainda presos e sorridentes devido a aproximação da Princesa Isabel com uma "chave".		Conta a história de Chico Rei	

Os aspectos percebidos na pesquisa com os alunos foram os seguintes:

- 92% apontaram diferenças no conteúdo (exercícios e textos de compreensão fácil ou difícil);
- 72% apresentaram críticas às gravuras (figuras desenhos se eram feios, bonitos, coloridos etc);
- 44% mencionaram a didática e o cotidiano da criança (se o livro tinha algum método específico de ensino, os hábitos de higiene da criança, o lazer, as brincadeiras etc);
- 20% fizeram críticas a ideário de família padrão e as datas comemorativas;
- 16% apontaram a realidade sócio econômica (aspectos como riqueza e pobreza)
- 12% perceberam a questão racial nos livros.

Ao serem confrontados com a intenção da pesquisa (pela pergunta: por que vocês não perceberam as mudanças como o negro aparece nesses livros?), a princípio os participantes se sentiram incomodados por não terem mencionado o negro em situações depreciativas ou ausentes nos livros didáticos. Perguntados, acerca do motivo pelo qual não enxergaram o negro, suas respostas foram de indignação e embora todos se declarassem não racistas surgiram comentários tipo:

"... eu analisei o pedagógico".

"... o que isso tem haver com o conteúdo do livro".

"... eu analisei as coisas mais importantes".

Três dos participantes fizeram menção à questão racial e apenas um destes participantes defendeu verbalmente sua convicção. Mas com o diálogo pouco a pouco eles foram despertando seus sentidos e compreendendo o objetivo desta pesquisa, muitos desconheciam a história real do negro no Brasil e pela via da auto-reflexão foi possível expandir os horizontes daqueles alunos. Não nos permitimos qualquer interpretação a respeito do conteúdo das redações que não nos foram entregues após esse debate, muito menos procuramos associar as reações à decisão de entregar ou não a redação.

A terceira etapa da pesquisa começou com dezesseis entrevistados e o objetivo foi suscitar nos alunos um repensar de suas práticas pedagógicas e encontrar meios para que fossem superadas as atitudes racistas em sala de aula. A partir das falas gravadas com a permissão dos alunos e da análise escrita dos mesmos foi possível verificar a urgência que nós professores temos de pensar o racismo como algo que nos diz respeito. Em geral ainda é pequeno o conhecimento e o conforto dos alunos em tratar essa temática. Ainda há uma grande confusão entre escravidão e racismo, muitos não têm a questão racial como assunto a ser inserido em sala de aula e outros acreditam que o racismo nasce só no convívio familiar. Todos afirmaram que o racismo está mais ligado a questão social do que propriamente a questão racial.

Como a proposta desta etapa da pesquisa era promover a auto-reflexão como um instrumento motivador da compreensão e superação do racismo em nossas salas de aula, depois de um trabalho que durou aproximadamente um ano e meio foi possível perceber alguns bons resultados dessa metodologia. Isso pode ser depreendido de algumas falas e fragmentos dos textos desta fase em que, adicionalmente, sugerimos que cada aluno declarasse sua “cor⁷”.

“O racismo o está tão introjetado dentro de nós que já não somos capazes de percebê-lo devemos abrir os olhos para estas situações e coibir o mais breve possível”. Aluno branco

“E cabe a nós como educadores transmitir a nossas crianças essas informações para que quem sabe possamos construir um futuro menos racista e mais humano”. Aluna parda

“torna-se fundamental que enquanto pedagogos venhamos repensar nossas atitudes em relação ao negro, pois mesmo inconscientemente corremos o risco de repassar esses conceitos”. Aluna negra

“Se pararmos para pensar a respeito desse assunto diríamos que não somos preconceituosos, mas a partir da discussão em sala chegamos a conclusão que temos sempre algum tipo de preconceito”. Aluna parda

“eu nunca pensei na questão racial estou pensando agora”. Aluna parda
“o racismo vai para além da cor”. Aluno branco

Depois da reflexão, foi admitido que a não percepção do negro em situações degradantes nos livros didáticos impedia o melhor conhecimento da problemática do racismo no Brasil e, em alguns, as suas próprias concepções racistas ainda não

⁷ Segundo o padrão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE: branco, negro ou pardo.

percebidas. Ficou evidenciada na maioria das entrevistas a persistência da idéia de que o negro é passivo, preguiçoso etc. Os participantes não conhecem os fragmentos da história afro-brasileira e ainda ensinam, como eles mesmos afirmaram, a história que foi passada a eles ainda quando criança.

Mesmo que hoje a escola como instituição tenha introduzido formalmente outros olhares (devido à luta do Movimento Negro) quebrando o paradigma do ensino positivista e que na mídia também tenham acontecido ajustes para a inserção do negro, ainda é freqüente a invisibilidade racial. Além do mais, nota-se pouca mudança no que diz respeito a forma de se perceber o racismo e suas nuances seja na escola ou na sociedade. As imagens pretéritas parecem “insistir” lançando uma nova invisibilidade nas imagens atuais.

Considerações finais

Os primeiros resultados obtidos na pesquisa serviram para redimensionar como o futuro professor - e acima de tudo cidadão - tem refletido sobre a questão racial no nosso país. Quando começamos, as falas se referiam aos “outros”. Raramente a temática era colocada como fazendo parte de suas próprias práticas em sala de aula. Mesmo os participantes negros, quando se referiam à discriminação, ao preconceito e ao racismo, assumiam uma postura como se o assunto não fizesse parte do seu contexto. As falas em sua maioria começavam assim: “os negros...” e não “nós negros...”. Com os participantes brancos não houve diferença. As falas eram sempre “a escola, a família etc” e não “nós da escola” “em nossa família”.

Esse distanciamento inicial, evidenciado na pesquisa, comprova que a informação desassociada da vivência não surte efeito de mudança. Os entrevistados oscilavam em delegar a responsabilidade para os “outros” e a negar suas concepções racistas tão explícitas.

Outro aspecto observado que chamou atenção foi o equivoco de tratarem a discriminação racial como a discriminação feita aos portadores de necessidades especiais. A maioria dos entrevistados não conseguiu distinguir uma da outra tratando o indivíduo que sofre com o racismo e a discriminação como alguém que possui “a deficiência da cor”.

As concepções racistas embutidas de maneira velada na nossa cultura causaram danos quase irreparáveis, mas ainda há tempo de mudar este paradigma que nos atormenta há tanto tempo. Nós educadores temos como papel principal rever nossos conceitos e ter clareza que a escola é uma das instituições responsáveis pelo processo de socialização dos nossos alunos. Um das principais conquistas que está pesquisa teve foi sensibilizar os entrevistados a assumirem uma postura que se aproxima da responsabilidade de pensar o racismo nas suas práticas pedagógicas.

O movimento do “Outro” para o “Eu” é de suma importância neste processo de auto-reflexão. Alunos negros que não se viam como tais, começaram a despertar para a possibilidade de mudança. Neste caso, podemos direcionar para a possibilidade de um repensar da questão racial em nossas Universidades, por meio de ações que

saíam do senso comum (geralmente marcado pela superfície do “politicamente correto”) e busquem atender às necessidades específicas do negro no Brasil.

Na realização da pesquisa tivemos que superar alguns obstáculos, inclusive internos. Para além de permitir à maioria o acesso ao elemento de racismo que tem incutido dentro de si, inclusive a “moderna” formulação de racismo ao contrário, foi penoso produzir percepções das suas atitudes explícitas de racismo, representadas como naturais e desprovidas de importância.

Neste processo de pesquisa aprendemos que existe um novo discurso bonito, e ainda falacioso, a respeito da questão racial. Esse “novo” discurso fala da importância do negro na nossa sociedade, da riqueza da sua cultura, da necessidade de exigir os seus direitos, mas suas práticas ainda são excludentes, embora não ousem a se expressar no desejo de “uma raça pura”.

Adorno faz uma observação relevante dizendo não existir racistas natos e ainda, que ninguém é racista por inteiro. O que já é uma esperança. Se a escola não é origem dessa questão, ela pode servir de trincheira avançada nesse combate. Mas isso só será possível a partir da auto-elaboração dos sujeitos escolares da forte carga social interna a ela mesmo, e nos variados sujeitos que a habitam, em relação ao racismo.

Por hora fiquemos com a poesia de Marília Costa Machado, negra, educadora e fisioterapeuta, mãe e militante de movimentos populares, que tão sabiamente definiu diversos sentimentos, entre eles o que ficou na conclusão deste nosso trabalho.

Resistência

Eu hoje lutei, resisti, fui forte
Depois eu quis colo e ombro pra chorar
Quis braços me abraçando, quis a morte
Senti vontade medrosa chegar

Palavras que não devia escutar
Desejei tanto de alguém receber
Fiquei muito confusa, quis gritar!
Os meus sentidos passei a temer

O mensageiro acalmou o não ter
Os companheiros chegaram enfim
O amigo foi amigo sem saber

Agora, creio, a razão vencerá
O momento é crítico, não eterno
Resiste a alma, prossigo a lutar
Marília Costa Machado

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, T. W., FRENKEL-BRUNSWIK, E., LEVINSON, D. e SANFORD, R. N.

- The authoritarian personality. New York: W. W. Norton & Company, Inc, 1982.
- ADORNO, Theodor W. e HORKEIMER, Marx. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. RJ: Jorge Zahar Editora, 1985.
- MILLOT, C. Freud, antipedagogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987
- SOBREIRA, H. G. . Formação de Professores: Dois tópicos de uma elaboração alternativa. *Psicologia da educação*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 49-66, 1998.
- SOBREIRA, H. G. . Auto-reflexão como processo de formação de professores. *PARADOXA, PROJETIVAS MÚLTIPLAS EM EDUCAÇÃO*, SÃO GONÇALO, v. IV, n. 5, p. 55-64, 1999.
- SOBREIRA, H. G. . Imagens de escola e de professor na Literatura Brasileira do Sec. XIX. In: 13o. Congresso de Leitura do Brasil. II Seminário de Leituras do Professor, 2003, Campinas.
- SOBREIRA, Henrique Garcia. Formação de professores das séries iniciais : para onde vamos? (projeto de pesquisa) Duque de Caxias : UERJ/FEBF, 2006.
- SOBREIRA, H. G. ; TELLES, A. P. V. ; SILVA, G. N. . Literatura e Educação do Educador. In: 12 o. Congresso de Leitura do Brasil. 2o. Seminário de Leituras do Professor, 2001, Campinas.
- SOBREIRA, H. G. ; TABANELA, Derly Franco ; BASTOS, Sheila Cardoso . Modelos de aluno e de professor ressignificados a partir dos romances de formação. In: XI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2002, Goiânia.
- SOBREIRA, H. G. ; NASCIMENTO, Andrea Silva Do ; ALMEIDA, Jocilene Moraes de Souza . Novas Questões no Processo de Auto-reflexão na Formação de Professores. In: 12o. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2004, Curitiba
- SOBREIRA, H. G. ; TABANELA, Derly Franco ; BASTOS, Sheila Cardoso . Elaboração do incêndio do Ateneu por alguns de seus leitores. In: 14o. Congresso de Leitura do Brasil. IV Seminário de Leituras do Professor, 2005, Campinas.

Livros usados como instrumento de pesquisa:

- AURICCHIO, Elizabeth. CASTRO, Taís de. *Geografia*. 2ª série. SP: ed. Ática, 2001.
- AZEVEDO, Marta Ramos de . *Viva vida : estudos sociais: o município*, 3ª série SP: FTP, 1995.
- BRAGANÇA, Angilina Donsamico. *Bem-te-li : língua portuguesa*. SP: ed. FTD, 2000.
- EUGÊNIA, Maria. CAVALCANTE, Luiz. *É hora de aprender: estudos sociais e ciências* : 2ª série, SP: ed. Scipione, 1993.
- JAKIEVICIUS, Mônica. *Ambiente vivo: atividades integradas de ciências* 2ª série. SP: ed. Scipione, 1999.

MARIN, Marília Favarin, QUEVEDO, Júlio. *História com reflexão*. 3ª série SP: IBEP, 2001.

MARQUES, Yolanda. *Estudos sociais: a criança, a família, a escola*. 1ª série SP ed. Nacional.

MAROTE, D' Olim. *Curso completo: língua portuguesa, matemática, estudos sociais, ciências e programa de saúde* – coleção aquarela SP: ed. Ática, 1992.

SZTERLIG, Silva. *Primeiras noções: história e geografia*. 1ª série SP: FTD, 1998.

PASSOS, Célia. SILVA, Zeneide. *Eu gosto de ciências: programa de saúde* - 2ª série SP: ed. Nacional

_____. *Eu gosto de estudos sociais* 3ª série SP: ed. Nacional, 1996.

_____. *Eu gosto de ciências : programa e saúde* 4ª série SP: ed. Nacional

VARGAS, Rosilda. *A criança, sua família e sua escola: estudos sociais* – coleção TOBOGÃ, 1ª série. SP: ed. IBEP.

_____. *A criança no mundo das ciências* . 2ª série SP: ed. IBEP.

WOLFF, Janeth. MARTINS, Eduardo. *Redescobrir* 1ª série. SP: FTD, 2000.